

Currículo como Ferramenta de Desenvolvimento: Uma Abordagem Tecnológica Inovadora e Crítica

Luzenir Ferreira Batista

Mestranda em Ciências da Educação pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Interamericana de Ciências Sociais

Fábio Coelho Pinto

Doutor em Ciências da Educação pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Interamericana de Ciências Sociais

Resumo: O artigo aborda o currículo e a tecnologia como uma proposta inovadora e fundamental para a educação ao analisar sobre a influência das estruturas dominantes e dos interesses sociais, econômicos e políticos nesse contexto. E buscar conhecer um pouco sobre a importância do currículo como uma ferramenta que direciona a prática educativa no âmbito escolar. É possível destacar como o currículo pode contribuir para a reprodução de desigualdades, quando não há uma proposta inclusiva e de equidade, onde as desigualdades precisam sair do cenário. A necessidade de uma educação mais justa e inclusiva, inovadora e dinâmica emerge. As tecnologias, o uso da conectividade é indispensável quando a cultura digital chegou pra ficar. As ferramentas e plataformas estão por todos os lugares. Essa proposta da cultura digital do currículo é indispensável, e não temo como adiar, o professor precisa estar preparado. A construção de um novo currículo inovador, tecnológico, e crítico é indispensável. Os sujeitos precisam se adequar a essa nova tendência. A urgência para promovendo um currículo alinhado com os ideais de uma sociedade tecnológica e inovadora e crítico.

Palavras-chave: Currículo. Tecnologias. Abordagem Tecnológica Inovadora e Crítica.



Recebido em: setembro. 2025. Aceito em: dezembro. 2025

DOI: 10.56069/2676-0428.2025.748

Ciência e Tempo Histórico: Tramas do Agora

Janeiro, 2026, v. 3, n. 34

Periódico Multidisciplinar da FESA Educacional

ISSN: 2676-0428



El Currículo Como Herramienta De Desarrollo: Un Enfoque Tecnológico Innovador Y Crítico

Resumen: El artículo aborda el currículo y la tecnología como una propuesta innovadora y fundamental para la educación, analizando la influencia de las estructuras dominantes y los intereses sociales, económicos y políticos en este contexto. Y busca conocer un poco la importancia del currículo como herramienta que orienta la práctica educativa en el entorno escolar. Es posible destacar cómo el currículo puede contribuir a la reproducción de las desigualdades cuando no existe una propuesta inclusiva y de equidad, donde las desigualdades deben abandonar el escenario. Surge la necesidad de una educación más justa, inclusiva, innovadora y dinámica. Las tecnologías, el uso de la conectividad son indispensables cuando la cultura digital ha llegado para quedarse. Las herramientas y plataformas están por todas partes. Esta propuesta de la cultura digital del currículo es indispensable, y no temo cómo posponerlo, el profesor debe estar preparado. La construcción de un nuevo currículo innovador, tecnológico y crítico es indispensable. Los sujetos deben adaptarse a esta nueva tendencia. La urgencia de promover un currículo alineado con los ideales de una sociedad tecnológica es innovadora y fundamental.

Palabras clave: Plan de estudios. Tecnologías. Enfoque tecnológico innovador y crítico.

The Curriculum As A Development Tool: An Innovative And Critical Technological Approach

Abstract: The article addresses curriculum and technology as an innovative and fundamental proposal for education by analyzing the influence of dominant structures and social, economic, and political interests in this context. It also seeks to understand the importance of the curriculum as a tool that guides educational practice within the school environment. It is possible to highlight how the curriculum can contribute to the reproduction of inequalities when there is no inclusive and equity-based proposal, where inequalities need to disappear from the scene. The need for a fairer, more inclusive, innovative, and dynamic education emerges. Technology, and the use of connectivity, are essential since digital culture is here to stay. Tools and platforms are everywhere. This digital culture proposal for the curriculum is indispensable and cannot be postponed; the teacher needs to be prepared. The construction of a new, innovative, technological, and critical curriculum is essential. Individuals need to adapt to this new trend. There is an urgency to promote a curriculum aligned with the ideals of a technological, innovative, and critical society.

Keywords: Curriculum. Technologies. Innovative and Critical Technological Approach.

INTRODUÇÃO

Este artigo é um estudo feito com base nos documentos que norteiam o currículo, um documento oficial que pauta as ações no âmbito educacional, e trabalham as necessidades dos indivíduos com princípios pautados nas leis, e diretrizes, como LDB e BNCC, e que estabelece critério que *precisam* ser ensinados.

O currículo é importante e relevante nas instituições de ensino, pois trata de uma ferramenta poderosa para construção de saberes, e deve estar alinhado e adequado a realidade dos sujeitos que dela fazem parte. E considerando a crescente tendência de utilização da ferramenta tecnológica como parte do processo de ensino aprendizagem, e das grandes mudanças significativas na sociedade, este artigo, é um norte para compreender os desafios que emergem a prática educativa, uma vez que são inúmeras as barreiras que os professores encontram, quando se trata da tecnologia; a começar formação a execução das ferramentas, um contexto que é realidade de muitos educadores.

O currículo aborda sobre o plano de orientação do ensino, e da aprendizagem e trata de conteúdos, objetivos e métodos de ensino e o avaliar o processo de apreensão dos conhecimentos e aprendizagens dos educandos.

A introdução das ações do currículo com adequados ao uso da tecnologia, com políticas inovadoras, e tem como princípio a discursão de abordagens de propostas de tecnologia no processo de aquisição do conhecimento.

Assim, a educação digital busca inserir nas práticas pedagógicas e inovações que ajudam no aprendizado do aluno e facilitam a ação do professor, com foco na inclusão dos sujeitos, principalmente o professor que precisa estar atualizado quanto a utilização das ferramentas de forma interdisciplinar, inovadora e criativa.

Nesse sentido, este artigo está organizado em tópicos, que trata da caracterização dos conceitos que aponta sobre a função dos currículos com reflexões críticas e foco nos trabalhos, com base nos autores: Sacristan, Silva e outros, bem como, a forma de organização da educação básica segundo as leis de diretrizes e base da educação; aborda a caracterização dos conceitos de currículos

e suas funções, e o desempenha enquanto ferramenta de direcionamento. nesse capítulo também aponta a visão de Michael Apple, que destaca o papel do currículo oculto. O currículo integrado, e suas conexão com as diferentes disciplinas. o currículo e contemporaneidade, e as diferentes discussões sobre o currículo na contemporaneidade e como é compreendido, e quais culturais, está inserido e qual o foco desse currículo.

E o currículo das inovações e tecnologias e suas especificidades necessárias e perspectivas, enquanto inovador, haja visto que BNCC, e o adendo da BNCC da computação, se torna uma necessidade obrigatória da BNCC, em todas as etapas da Educação Básica. E na grande necessidade de ajustarmos a prática educacional as novas tendencias da educação enquanto necessidade de trabalhar a tecnologia e Inteligência Artificial (IA) e Chatbots: a IA e plataformas. Entre outras novidades tecnológicas.

Vale ressaltar que a metodologia usada, para coleta de dados e análise desde artigo, foi de uma análise crítica e detalhada, de artigos e estudos realizados com as fontes apresentadas, e coletadas a partir de um estudo detalhado dos documentos desta bibliografia.

CARACTERIZAÇÃO E CONCEITOS DO CURRÍCULO

Para iniciarmos essa pauta, em poucas linhas, apontaremos alguns conceitos de currículos, antes de adentrar a esse tema vamos compreender que: “o currículo é uma prática, expressão da função socializadora e cultural nas escolas [...] uma prática que se expressa em comportamentos”. (Sacristán, 2012, p. 16).

O currículo também é conhecido como um projeto prático que se desenvolve no âmbito educacional, e as intenções políticas e ideológicas (presentes no plano) se confrontam com a realidade e a cultura escolar (na prática). É uma ação para reflexão crítica sobre o papel da educação na sociedade.

Para Silva (2010, p.15) “o currículo busca foco no trabalho da identidade, alteridade e diferença, subjetividade, significação e discurso, e nas relações de poder e representação”. Assim, o autor destaca uma concepção de currículo que ultrapassa a simples organização de conteúdos e passa a compreendê-lo como um espaço de produção de sentidos, identidades e subjetividades.

Ao enfatizar dimensões como identidade, alteridade e diferença, o currículo é entendido como um campo no qual os sujeitos constroem percepções sobre si e sobre o outro, mediadas por discursos e processos de significação. Nessa perspectiva, o que se ensina, como se ensina e o que se silencia têm impacto direto na formação cultural, social e simbólica dos estudantes.

A abordagem supracitada evidencia que o currículo está profundamente imerso em relações de poder e representação, pois determinados saberes, identidades e narrativas são legitimados enquanto outros são marginalizados ou invisibilizados. Reconhecer esse caráter político do currículo implica questionar práticas homogeneizadoras e excludentes, abrindo espaço para propostas mais inclusivas e democráticas.

Assim, o currículo torna-se um instrumento potencial de transformação social, capaz de valorizar a diversidade e promover uma educação crítica que problematize desigualdades e hierarquias historicamente construídas. Nesse contexto, o autor aborda a importância de refletir sobre a cultura, o gênero, a raça, a etnia e a sexualidade, que deve ser representado e produzido no currículo, com uma visão mais ampla, que contemple multiculturalismo.

Essa conceituação valoriza diversas culturas, e tradições no âmbito educacional e social, como da sociedade. E se manifesta na integração dos sujeitos e elementos culturais, nas diferentes áreas, como culinária, música e arte, e promover respeito e combate preconceitos, com ênfase na diversidade dos sujeitos.

Nesse sentido, Silva (2010, p. 15), considera que “o currículo é sempre o resultado de uma seleção: de um universo mais amplo de conhecimentos e saberes, seleciona - se aquela parte que vai constituir, precisamente, o currículo”. No entender do autor, o currículo nunca é um reflexo total de todos os conhecimentos existentes, mas sim o produto de uma escolha consciente dentro

de um universo mais amplo de saberes. Ou seja, apenas uma parte do conhecimento disponível é incorporada ao currículo, definindo o que será ensinado, estudado e valorizado na formação dos estudantes, refletindo objetivos pedagógicos, culturais e sociais.

A seleção supracitada evidencia que o currículo é intrinsecamente político, pois envolve decisões sobre o que incluir ou excluir, quais valores transmitir e quais perspectivas priorizar. Ao privilegiar certos conhecimentos, pode reforçar normas, identidades e estruturas de poder existentes, enquanto marginaliza saberes alternativos ou de grupos historicamente menos valorizados. Reconhecer esse caráter seletivo é essencial para repensar currículos mais inclusivos, diversificados e alinhados com uma educação democrática.

Michael Young (2001), aponta o currículo, como a figura chave na sociologia, que inicialmente aponta os programas escolares como "construções sociais" e, mais tarde, ressignificou a discussão sobre o "conhecimento poderoso" no currículo. O currículo formal, é aquele que está intrínseco nas pautas do estado e que rege as unidades escolares, um documento com conteúdo e objetivos estabelecidos por uma instituição.

O artigo 23 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) diz o seguinte:

A educação básica poderá organizar-se em séries anuais, períodos semestrais, ciclos, alternância regular de períodos de estudos, grupos, com base na idade, na competência e em outros critérios, ou por forma diversa de organização, sempre que o interesse do processo de aprendizagem assim o recomendar (Brasil, 1996).

Nesse contexto podemos destacar três fatores acerca de como o currículo deve ser alinhado de acordo a realidade respeitando as diferentes áreas do conhecimento e especificidades dos alunos, segundo o uso das tecnologias nesse contexto é imprescindível e deve está contemplado pois permitirá tanto aos alunos quanto aos professores explorarem diferentes áreas de conhecimento, e terceiro a importância da formação integral do aluno, nesse caso, os aspectos cognitivos do aluno precisam ser considerados e estimulados.

E aí surge um novo desafio, nesse caso, a formação do professor, nessa área da tecnologia.

A grande preocupação da classe, preparar o professor frente a crescente necessidade de acompanhar a velocidade da tecnologia que anda junto com a cabeça dos jovens, e o currículo, não avança ou parece estar adormecido, quanto as novas propostas, as práticas e tecnologias. É preciso avançar.

FUNÇÃO DO CURRÍCULO

Quando se fala de importância e da função do currículo, podemos pensar da seguinte forma: o currículo, quando atua como um regulador da organização do ensino e da prática docente, não podemos permitir que tal prática seja tão eficaz. ou controladora, quando se pensa em regular, podemos incorrer no erro de podar que tal organização fica incompleta, e é insuficiente, sujeita a falhas, o ato de regular, de controlar, deixa o processo de ensino aprendizagem comprometido.

Podemos analisar que: se a função do currículo consiste em ensinar, “o currículo a ensinar é uma seleção organizada dos conteúdos a aprender, os quais, por sua vez, regularão a prática didática que se desenvolve durante a escolaridade”. (Sacristan, 2012, p. 16).

Neste sentido, Sacristán (2012) compreende o currículo como uma seleção intencional e organizada de conteúdos, destacando que ele não é neutro nem aleatório. Ao afirmar que o currículo “regulará a prática didática”, o autor evidencia seu papel normativo, isto é, sua capacidade de orientar, limitar e estruturar o que acontece na sala de aula ao longo da escolaridade. Dessa forma, o currículo funciona como um eixo central da ação pedagógica, influenciando metodologias, avaliações e relações de ensino e aprendizagem.

No entanto, uma análise crítica permite problematizar essa concepção ao questionar quem seleciona esses conteúdos e com base em quais interesses. A organização curricular pode refletir relações de poder, privilegiando determinados saberes em detrimento de outros, especialmente conhecimentos locais, culturais ou experiências dos próprios estudantes. Assim, o currículo pode

tanto promover inclusão e formação crítica quanto reforçar desigualdades e padronizações.

Além disso, ao enfatizar que o currículo regula a prática didática, corre-se o risco de uma visão excessivamente prescritiva, na qual o professor assume um papel de mero executor. Em contraposição, abordagens críticas e contemporâneas defendem o currículo como um processo dinâmico, que se constrói também na prática, a partir da mediação docente e das interações com os alunos.

Ressalta-se que embora Sacristán (2012), traga relevantes reflexões em torno da centralidade do currículo na organização do ensino, ele convida à reflexão crítica sobre a necessidade de um currículo mais flexível, contextualizado e democrático, que não apenas regule a prática didática, mas dialogue com a realidade escolar e com os sujeitos que dela participam.

CURRÍCULO COMO UM CAMPO PRÁTICO INTERDEPENDENTE

A visão de que o currículo, como destacada por Sacristán (2013), não pode ser apenas um documento formal, onde se tem traçado o plano de trabalho e ou estudos, ele precisa ir mais além de que regras e diretrizes traçadas em alguma folhas de papel. Para o autor, o currículo deve ser visto como um envolvimento de uma mistura de responsabilidades práticas, que envolve organização, e visa destaque das principais características e perfil do documento, nesse modelo, o currículo é uma forma de manifestação de diferentes níveis de ideias e saberes que são e devem ser trabalhadas interdependentes.

Nesse caso, vale entender a finalidade desse documento, a saber, que: “o currículo é uma práxis, isto é, um trabalho que se realiza com a intenção de influir na formação dos alunos, e que toma corpo em situações institucionalizadas e socialmente configuradas.” (Sacristán, 1998, p. 15)

Como se pode perceber Sacristán (1998) concebe o currículo como práxis, isto é, como uma ação intencional que se concretiza na prática educativa

e vai além de um simples documento normativo. Ao destacar que o currículo visa influenciar a formação dos alunos, o autor evidencia seu caráter político e formativo, no qual teoria e prática se articulam continuamente. Dessa perspectiva, o currículo ganha sentido nas interações cotidianas da escola, nas escolhas pedagógicas dos professores e nas experiências vividas pelos estudantes, assumindo um papel ativo na construção do conhecimento e da identidade dos sujeitos.

Assim, ao afirmar que essa práxis ocorre em contextos “institucionalizados e socialmente configurados”, Sacristán (1998) chama atenção para os limites impostos pelas estruturas escolares, pelas políticas educacionais e pelas relações de poder. Isso revela que o currículo pode tanto favorecer uma formação crítica e emancipadora quanto reproduzir padrões e desigualdades sociais. Assim, o desafio da prática curricular está em tensionar essas estruturas, promovendo maior autonomia docente e participação discente, para que o currículo se constitua como um espaço de reflexão, transformação e não apenas de reprodução social.

Nesse sentido, evidencia-se que o currículo desempenha uma função de inspirar, instigar, provocar, influenciar, algo bom e produtivo, fazer fluir com entusiasmos, nesse caso aos alunos e em toda a comunidade que constrói a educação. Essa construção parte do princípio de valorizar a compreensão do aluno, os saberes e o contexto desse aluno. Assim o trabalho influi em dar sentido as aprendizagens e a criatividade que torna o aluno produtivo dinâmico e criativo, sobretudo motivado a aprender e a produzir mais.

CURRÍCULO OCULTO

O currículo se manifesta sob diferentes abordagens e perspectivas. A dimensão que alcança varia em decorrência do contexto social, político, econômico e cultural. Assim, ele pode estar ligado as condutas que traçam o perfil dos alunos como valores, normas sociais, e que não estão explícitos, nem listados como critérios a serem intencionais que visam alcançar dos alunos.

Sob este prisma desenvolveu-se o conceito de Currículo Oculto, definido por Michael Apple (2006) como um poderoso mecanismo de socialização que vai além dos conteúdos e organizações escolares e curriculares formalmente instituídos. Assim, para Apple (2006, p. 127):

O currículo oculto nas escolas serve para reforçar as normas básicas que cercam a natureza do conflito e sua utilização. Ele fornece as normas e disposições ideológicas fundamentais por meio das quais os estudantes aprendem a aceitar as limitações e as formas de interação exigidas pela ordem social vigente, preparando-os para as desigualdades no mercado de trabalho e na sociedade.

Apple (2006) traz ao centro dos debates sobre o currículo, a relevância daquilo que não se evidencia de maneira direta, mas que compõem e integralizam as relações sociais e de aprendizagem dos sujeitos. Assim, o currículo oculto na visão do autor, ultrapassa as relações formais e atitudinais presentes no currículo formal e se consolida como um poderoso mecanismo de socialização na formação crítica dos sujeitos.

Desta feita, ao reforçar normas, comportamentos e formas específicas de lidar com o conflito, a escola contribui para a internalização de valores e disposições ideológicas que naturalizam a ordem social vigente. Dessa forma, os estudantes aprendem, muitas vezes de maneira implícita, a aceitar hierarquias, disciplina, obediência e limites impostos, o que revela o caráter político do processo educativo.

De modo crítico, essa perspectiva problematiza o papel da escola na reprodução das desigualdades sociais, especialmente ao preparar os alunos para aceitar condições desiguais no mercado de trabalho e na vida social.

O currículo oculto, ao invés de promover uma formação crítica e emancipadora, pode funcionar como um instrumento de conformismo e adaptação às estruturas existentes. Contudo, reconhecer sua existência abre espaço para a ação pedagógica consciente, na qual professores e instituições podem tensionar essas normas implícitas, transformando a escola em um espaço de questionamento, resistência e construção de práticas mais democráticas e inclusivas.

Apple (2006), um dos principais representantes da nova sociologia da educação e das teorias críticas do currículo, de vertente marxista. O autor analisa o currículo em sua relação com a ideologia e a reprodução social, e argumenta que a escola e o currículo servem, muitas vezes, para manter as desigualdades da entre as classes. Ele destaca o papel do currículo oculto e das relações de poder presentes no sistema educacional, um ato de reprodução das desigualdades, a saber:

A ideologia e a reprodução social, e argumenta que a escola e o currículo servem, muitas vezes, para manter as estruturas de poder existentes, distribuindo de forma desigual o conhecimento e as disposições que legitimam a posição das classes dominantes na sociedade" (Apple, 2006, p. 84).

Essa ideologia, consequentemente, além de promover desigualdades sociais o currículo oculto impõe, a manter a ordem, com ideologias elaboradas e não discutidas de acordo o perfil dos alunos que compõe aquela comunidade escolar. Sem finalidade de desenvolvimento cognitivo crítico e social.

Como se pode perceber, Apple (2006) destaca o papel da ideologia e da reprodução social no funcionamento da escola e do currículo, ao afirmar que estes frequentemente contribuem para a manutenção das estruturas de poder existentes. Nessa perspectiva, o currículo não é neutro, mas um instrumento que seleciona e distribui conhecimentos de forma desigual, favorecendo saberes associados às classes dominantes e legitimando suas posições sociais como naturais ou universais.

A análise supracitada revela como a escola pode atuar mais como espaço de reprodução das desigualdades do que de superação delas, ao reforçar disposições culturais e simbólicas que beneficiam determinados grupos sociais. Contudo, ao evidenciar esse caráter ideológico, Apple também abre a possibilidade de resistência e transformação: ao reconhecer as relações de poder presentes no currículo, educadores podem repensar práticas pedagógicas e promover uma educação crítica, capaz de questionar a dominação e ampliar o acesso ao conhecimento de forma mais democrática.

Deste contexto surge a necessidade de integração entre o currículo formal e o oculto a medida em que os dois são essenciais para a formação sociopolítica

dos sujeitos. Tal integração visa conectar diferentes disciplinas, promovendo uma aprendizagem mais holística e contextualizada. Nessa proposta, as ações pedagógicas definidas nesse currículo buscam superar os déficits de aprendizagem e as fragmentações das disciplinas, com articulações dos conhecimentos gerais e específicos, com foco em um eixo estruturante, é importante ressaltar o trabalho direcionado aos objetivos e ao tema, ou projeto.

Nesse modelo de currículo, o intuito aqui é a aprendizagem mais significativa e conectada com a realidade, integrando teoria e prática, e não é um conceito único, mas sim um conjunto de abordagens que promovem a interdisciplinaridade, a contextualização e a participação ativa do estudante no processo de aprendizagem.

Para Gadotti, o currículo integrado é um elemento chave na luta por uma "*educação libertadora para as massas populares*", que esteja voltada para o contexto social e a transformação da realidade.

CURRÍCULO E CONTEMPORANEIDADE

As discussões sobre o currículo na contemporaneidade têm se ampliado para além da simples seleção e organização de conteúdos escolares. O currículo é compreendido como um espaço de disputas simbólicas e culturais, no qual se produzem e se legitimam identidades e diferenças. Nessa perspectiva, as teorias pós-críticas propõem uma leitura do currículo que enfatiza as relações de poder e os processos de significação presentes nas práticas educativas.

As teorias pós-críticas do currículo caracterizam-se por focar em identidade, alteridade e diferença, subjetividade, significação e discurso, e nas relações de poder e representação. Elas analisam criticamente como a cultura, o gênero, a raça, a etnia e a sexualidade são representadas e produzidas no currículo, rejeitando a visão monocultural em favor do multiculturalismo. (Silva, 2010, p. 150).

Assim, o currículo passa a ser visto como um campo político e cultural, onde se constroem sentidos sobre quem somos e sobre quem pode ser representado. E sobre o que aprendemos, embora todos saibam que não é a mesma coisa aprender sobre um tema fora ou dentro do contexto escolar.

Portanto, quando se faz a crítica da cultura escolar, é preciso que ela se dirija às formas escolares do conhecimento; e, quando se propõe um projeto de cultura para a escolaridade, deveremos avaliá-lo em função do que ele pode chegar a se transformar uma vez traduzido em conhecimento escolar. A existência desse conhecimento é uma realidade determinada pelo contexto escolar instituído.

Toda ação consciente para influir nos demais - inclusive a educação - tem sentido para quem a executa. Caso contrário, ela não é mais do que uma rotina ou conduta sem finalidade de comando. A ação de influir sobre o outro, ensinando o outro, seja de forma consciente ou inconsciente (rotineira ou mecânica), provoca e produz ou estimula a elaboração de um significado em quem é sujeito às ações dessa influência. Ambos os aspectos o sentido para quem educa e o significado construído para quem é educado podem estar vinculados entre si por relações de causa e efeito, e assim desejamos que ocorra, todavia, precisamos fazer valer e trazer sentido a essa ação enquanto sujeitos que estão num caminho de desenvolvimento crescente.

O sentido que falamos é a significação, com finalidades e objetivos claros e explícitos, onde os sujeitos sejam respeitados em suas diferenças e sejam altruístas na construção de sua identidade e autonomia.

CURRÍCULO E INOVAÇÕES TECNOLOGIAS

Inovações necessárias do currículo, e suas tecnologias, a nova abordagem tecnológica, inovadora e crítica, desafio novo para o currículo e para a educação. Aqui inicia uma nova perspectiva de um currículo inovador e criativo, sobretudo alinhando com os documentos finais do currículo, nesse caso a BNCC, e o adendo da BNCC da computação, que certamente vai abrilhantar a ação pedagógica e o engajamento dos alunos nas aulas com maior envolvimento.

A Computação passa a ser área obrigatória da BNCC, em todas as etapas da Educação Básica, e que se organiza em três eixos a saber:

Pensamento computacional: que foca em estratégias cognitivas e criativas, envolvendo a resolução de problemas de forma lógica e criativa e usando o “raciocínio” dos computadores para resolver problemas (lógica, algoritmos, resolução de problemas);

Mundo digital: que aborda atividades, interações e informações que ocorrem no ambiente virtual, incluindo a internet, redes sociais e tecnologias como a inteligência artificial, hardware, software, além de segurança e ética em seu uso.

Cultura digital: que trata das práticas, costumes e formas de interação social mediadas pela tecnologia digital, promovendo a reflexão sobre seus impactos na vida e na sociedade (produção, criação, cidadania e inovação digital).

Nessa perspectiva a BNCC (2018), em suas especificidades trata com muita propriedade das dez competências gerais da educação básica, aqui cabe a competência de número 5 que diz:

Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva. (Brasil, 2018, p. 09)

Pode-se pontuar que a tecnologia no currículo não é apenas uma ferramenta, mas um meio de transformar a prática pedagógica e ampliar as possibilidades de aprendizagens. Está comprovado que os ambientes digitais, tem maior visitação do público infante juvenil. Justamento o público de faixa etária dos alunos, e nessa proporção de acesso, é válido pensar que o letramento digital, pode sim, ajudar melhorar nossos índices educacionais.

Silva, Almeida e Amaro (2024), consideram que inovar se torna essencial na sociedade do conhecimento, contudo, esta inovação deve se dá no plano pedagógico e da socialização, de modo a se considerar a escola como uma instituição capaz de formar a consciência crítica dos sujeitos e não como uma empresa que oferece produtos ao mercado.

Ressalta-se que, embora as instituições educacionais compartilhem certos traços com organizações empresariais, elas possuem especificidades próprias que tornam o processo de revisar currículos (sejam eles baseados em propostas inovadoras ou tradicionais) consideravelmente mais complexo do que a criação e a oferta de um novo produto ou serviço ao mercado. Trata-se de um ambiente muito mais abrangente e heterogêneo do que geralmente se imagina a partir de uma análise externa (Silva, Almeida e Amaro, 2024).

Tratar de inovação pedagógica implica repensar formas de pensar, agir e produzir conhecimento. Envolve o uso de tecnologias, metodologias ativas, a redefinição do papel do professor e novas atitudes por parte dos estudantes, entre outros aspectos que se articulam entre si. Não se trata apenas de aprender, mas de aprimorar a forma de aprender. Inovar nos processos educativos significa deslocar pessoas, práticas, métodos tradicionais, concepções arraigadas e, sobretudo, crenças que já não respondem às demandas do contexto contemporâneo.

Os modelos de ensino fundamentados na transmissão de conteúdos e na memorização, presentes em todos os níveis educacionais, têm se mostrado pouco eficazes e, por isso, vêm sendo amplamente questionados. Muitos estudantes concluem suas formações após terem sido expostos a uma grande quantidade de informações, das quais boa parte não é efetivamente assimilada ou compreendida. Isso ocorre porque o cérebro tende a não reter conhecimentos considerados pouco relevantes, não utilizados ou que não estabelecem relação com situações concretas, interesses pessoais ou contextos de vida do aprendiz (Silva, Almeida e Amaro, 2024).

Compreender caminhos para superar essas limitações está diretamente ligado à inovação nos processos de ensino e aprendizagem, tanto para professores quanto para alunos, considerando, ou ao menos buscando compreender, a diversidade existente entre eles. Alonso (2013, p. 326) enfatiza a necessidade de reconhecer as diferenças entre os sujeitos e, conseqüentemente, “[...] as distintas maneiras que as pessoas têm de aprender, rompendo com o modelo homogeneizador da escola”. Essa perspectiva é fundamental ao refletir sobre o currículo e é como um dos princípios centrais da

inovação educacional (Christensen; Horn; Johnson 2009), que se concretiza por meio de novas estruturas, currículos e projetos pedagógicos capazes de superar o modelo ainda predominante nas instituições de ensino.

A esse cenário complexo soma-se a crescente valorização das competências socioemocionais, as chamadas *soft skills*, como a habilidade de resolver problemas em interação com outras pessoas, a flexibilidade, a resiliência, a comunicação dialógica, o pensamento computacional e a criatividade. Tais competências demandam práticas educativas distintas das tradicionais (Silva, 2020).

No contexto específico do ensino superior na área de negócios, torna-se relevante compreender como os docentes articulam conteúdos previamente estabelecidos, teorias consolidadas e as exigências do mundo contemporâneo. Não existe uma resposta única para esse desafio, uma vez que a elaboração de novos currículos é um processo amplo, dinâmico e marcado por múltiplas variáveis.

Nesse sentido, as propostas de atividades com a inserção da tecnologia trarão um desejo, motivação a mais para os alunos, as aulas poderão sim ser inovadoras e dinâmica.

CONCLUSÃO

A grande necessidade de ajustarmos a prática educacional com os eixos que integra a proposta da BNCC da computação, para que o processo educacional seja relevante e caminha junto ao desenvolvimento da tecnologia, E potencializar a conectividade para trazer inovações para o currículo, tornando assim um documento que retrate de fato a cara do nosso aluno, da nossa escola, e finalmente a cara nossa educação.

É importante ressaltar que a chave para um currículo verdadeiramente inovador não é apenas usar a tecnologia, mas integrá-la a metodologias ativas como a Sala de Aula Invertida ou o Aprendizado Baseado em Problemas, e que acompanhe tudo que venha agregar saberes e conhecimento ao nosso público

estudantil e educacional, para que a educação potencialize o pensamento crítico, a autonomia e a colaboração dos alunos.

São os nossos desafios, a serem superados com as novas tendências em tecnologias e a postura profissional. É pertinente pontuar que a proposta de inovação do currículo é justamente a inserção dos três dos princípios da BNCC da computação cultura digital, pensamento digital e mundo digital. A integração do uso de tecnologia no currículo, plugada ou desplugada. Isso não é tudo, mais, uma parte relevante.

O desafio é para todos, em especial para os educadores, são inúmeros os desafios, desde usar em práticas diárias as ferramentas tecnológicas; manuseio de plataformas, conteúdos de ensino adaptados, repensados à luz das novas tecnologias. Até a seleção de ferramentas que os alunos aprendem, e que este saiba fazer uso com responsabilidade, sem perder o foco.

A relevante necessidade de estar conectados com novas metodologias e práticas, muda a realidade educacional e promove uma revolução nos espaços da educação e traz um certo medo, para muitos. Os alunos estão prontos. O sistema já deu sinal. E aí surge um certo temor, os profissionais, estão prontos? As escolas estão estruturadas?

Apesar dos grandes desafios a serem superados, em especial da qualificação ou preparação dos profissionais, é preciso começar a agir.

São inúmeras, as ferramentas, a serem exploradas, as tecnologias estão todas a disposição, e prontas para alinhar ao Conteúdo e trazer novas experiências.

As ferramentas digitais transformamos saberes, isso é fato. A forma como o conteúdo é apresentado e a forma como os alunos interagem com ele, tornando a aprendizagem mais imersiva e engajadora, e incrível, parece que os jovens não tem barreira quanto a tecnologia, então é hora de usar essa possibilidade e acompanhá-los.

São inúmeros ambientes que podem ser explorados e favorável ao desenvolvimento, os ambientes de realidade Virtual (RV) e Realidade Aumentada (RA), pode ser grandes aliados, e permiti acontece a inovação curricular.

Plataformas variadas de jogos, a Gamificação e Jogos Educacionais (Games) aplicativos e plataformas que usam elementos de jogos (pontuações, rankings, desafios, recompensas) para motivar a participação e o domínio do conteúdo, como no aprendizado de idiomas (Duolingo) ou em quizzes interativos (Kahoot!).

Todas essas ferramentas são aliadas para uma boa aprendizagem e promove o desenvolvimento e pensamento crítico e ajuda na resolução de problemas. Todas são estratégias de colaboração a prática pedagógica e aliadas do professor, e pode ser espaço de aprendizagem em um ambiente de competição e desenvolvimento saudável, pois o uso de vídeos, jogos, podcasts, simulações virtuais e objetos de aprendizagem interativos para ilustrar conceitos, permitindo que o aluno aprenda de formas visuais e auditivas, não apenas textuais.

E o que falta, temos ambientes Virtuais de Aprendizagem e formação, como (AVAMEC), Plataformas Educacionais, de formações gratuitas, que fortalecerá a ação pedagógica nessa perspectiva tecnológica, são inúmeros ambientes de formação e de grande relevância de grande uso durante e pós pandemia. Foram as salas de aula virtuais, a exemplos temos: o Google Classroom ou Moodle que permitem gerenciar atividades, disponibilizar materiais, enviar e receber trabalhos, e ter um espaço de interação assíncrona (fora do tempo da aula) entre professores e alunos.

Entre outros espaços virtuais, a Inteligência Artificial (IA) e Chatbots: a IA para criar tutores virtuais que respondem a dúvidas imediatas, ou incluir a IA como tema de estudo crítico no currículo (ética da IA, vieses algorítmicos), preparando os alunos para a sua crescente presença na sociedade.

Cultura Maker uma tendência que só cresce e tem adentrado os espaços educacionais, inclusive escolas, bem como a Robótica Educacional, espaços (Makerspaces) e kits de robótica que incentivam o aprendizado prático, a experimentação e a criação de soluções para problemas reais, alinhando teoria e prática. Todos essa tecnologia, e ferramentas vem pra somar e agregar, além de facilitar a vida do professor e planejamento de suas aulas. A grande preocupação e dificuldade, é a utilização dessas ferramentas, ainda há um

grande caminho para ser percorrido, aprender o manuseio, e a inserção desses recursos na prática, nas escolas públicas.

Em suma, a meta é, formar e melhorar nosso público, em cidadãos capazes de "pensar, analisar, planejar, testar, avaliar, criar e aplicar tecnologias digitais de maneira ética e responsável".

A educação digital é um componente essencial e urgente. Para o currículo e deve ser reconhecido no processo de seu desenvolvimento, o professor precisa se atualizar e se preparar para essa nova tendência educacional. O currículo, precisa de fato ser essa ferramenta de desenvolvimento de abordagens inovadoras junto as tecnológicas.

A integração dessas ferramentas é fundamental para criar uma educação mais dinâmica e inclusiva, na sociedade, onde saberes e educação andam juntos com a criticidades, e de forma consciente e inovadora, alinhada com a cultura digital do século XXI.

REFERÊNCIAS

ALONSO, Rafael Feito. O sentido do currículo na educação obrigatória. *In*: Gimeno Sacristán, José (org.). **Saberes e incertezas sobre o currículo**. Porto Alegre: Penso, 2013. p. 316-335.

APPLE, Michael W. **Ideologia e currículo**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 19 dez 2025.

BRASIL. **Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/a-base>. Acesso em: 22 dez. 2025.

CHRISTENSEN, Clayton M.; HORN, Michael B.; JOHNSON, Curtis W. **Inovação na sala de aula: como a inovação disruptiva muda a forma de aprender**. Porto Alegre: Bookman, 2009.

SACRISTAN, J. Gimeno (Org.). **Saberes e Incertezas sobre o Currículo**. Editora Penso, 2013.

SACRISTAN, J. Gimeno. O currículo: os conteúdos do ensino ou uma análise prática? *In*: SACRISTAN, J. Gimeno; GÓMEZ, A. I. Pérez. **Compreender e**

Transformar o Ensino. Tradução: Ernani F. da Fonseca Rosa. – 4ª ed. – Artmed, 1998.

SACRISTÁN, J. Gimeno. **O currículo:** uma reflexão sobre a prática. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2012.

SILVA, Ana Valéria Barbosa da; Almeida Maria Elizabeth Bianconcini de; ROMARO, Paulo. Currículo, Tecnologia e Inovação: um diálogo para além dos muros. **e-Curriculum** vol.21; São Paulo, 2024.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade;** uma introdução às teorias do Documentos currículo / Tomaz de detba Tadeu da Silva. 3. ed. 1. reimp - Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

YOUNG, M. Du “**curriculum en tant que construction sociale**” à la “**spécialisation intégrative**”; Quelques réflexions sur la sociologie du curriculum au Royaume-Uni (1971-1999). *Revue Française de Pédagogie*, Paris, n. 135, p. 29-34, abr./maio/jun. 2001. Culture et Éducation. Colloque en hommage à Jean-Claude Forquin.